

PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO ARTHUR RAMOS -- UM EPISÓDIO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

Elisabete MOKREJS *

RESUMO: O tema "psicanálise e educação" foi objeto de estudo de vários autores brasileiros que se dispuseram a divulgar as idéias de Freud no Brasil. Destaca-se o nome de Arthur Ramos por meio da publicação de *Educação e Psicanálise* e *A Criança Problema*. Fundamentado em idéias de Freud, Adler e Jung, o autor, no contexto pedagógico da "Escola Nova", esboçou várias idéias que contribuíram para introduzir uma ótica na "compreensão" das questões referentes à conduta desajustada dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise. Educação. Freud. Adler. Jung. Antropologia. Infância. Normalidade. Compreensão. Ajustamento.

O estudo da difusão das idéias psicanalíticas, no Brasil, até a década de cinquenta, aponta um acervo considerável sobre as relações entre psicanálise e educação. Embora a quase totalidade dos estudiosos de Freud, nesse período, seja formada por médicos, os temas referentes à educação figuram em muitos textos,¹ caracterizando algumas dimensões possíveis na integração das idéias de Freud com a prática educativa.

Observa-se que, no tratamento desse tema, os diversos autores omitiram as considerações teleológicas pertinentes à educação deixando assim, de lado, muitas controvérsias que poderiam ser suscitadas na aplicação da psicanálise à educação.

* Professora Assistente Doutora do Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação da Faculdade de Educação da USP.

1. Medeiros e Albuquerque — *O Hipnotismo*. Rio de Janeiro. Livraria Editora Leite Ribeiro & Maurélio. 1.ª ed. 1923. 3.ª ed. 1926. Moraes Deodato. *A Psicanálise na Educação*. Rio de Janeiro. Mendonça Machado & Cia. 1927. Jardim, Renato — *Psicanálise e Educação*. Cia. Melhoramentos de São Paulo (Weissflog Irmãos Incorporadora) São Paulo. Porto Carrero, Julio Pires — *Psicanálise de Uma Civilização*. Rio de Janeiro. Ed. Guanabara. *Ensaio de Psicanálise*. Rio de Janeiro. Flores & Mano. 2.ª edição 1934. *Psicologia Profunda e Psicanálise*. Rio de Janeiro. Ed. Guanabara. 1934 (3.ª edição) Silva, Gastão Pereira da — *Para Compreender Freud*. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. *Aplicação Prática da Psicanálise*. Rio de Janeiro. Edart. 1964.

A formação psiquiátrica desses autores foi responsável pela ênfase nosológica que imprimiram à análise da conduta dos alunos segundo o referencial psicanalítico.

No exame dos vários textos sobre o assunto, convém destacar o nome de Arthur Ramos, sobejamente, conhecido como antropólogo e africanologista. Sobressai, ao longo dos seus estudos,² a profundidade dos temas tratados solidamente, fundamentados em bibliografia atualizada.

Leitor atento às variações do pensamento psicanalítico, Ramos deixou-se por ele conduzir, já na elaboração das primeiras teses acadêmicas: "Primitivo e Loucura"³ para o doutoramento em 1926, e "Sordície nos Alienados — Ensaio de uma Psicopatologia da Imundície", em 1928, trabalho com o qual obteve o título de docente livre na Faculdade de Medicina da Bahia.⁴

A notória adesão de Arthur Ramos às idéias de Freud levou Afrânio Peixoto a sugerir ao psiquiatra baiano que "compendiasse o que a psicanálise tem feito neste particular das suas aplicações à pedagogia". Daí surgiu Educação e Psicanálise⁵ que, segundo o autor, "busca apenas vulgarizar as principais noções de psicanálise aplicada à escola".

O ponto de partida de Arthur Ramos, nessa obra, prende-se aos conceitos de "Escola Nova" que ressaltam o "respeito à personalidade da crian-

2. Ramos, Arthur. *Primitivo e Loucura*. Bahia: S/Edit., 1926. Idem, "Conceito Antropológico de Cultura". *Educação*, (2):3-5, Rio de Janeiro, outubro, 1948. Idem, "Augusto dos Anjos à Luz da Psicanálise". *Anais Médico Sociais da Bahia*, Bahia, n.º 2. 1926. Idem, "Os Suicídios de Crianças". *Revista de Cultura Jurídica*, 1(1), Bahia, 1929. Idem, "Jung — A Psicossíntese e Smith Ely Jelliffe, 'Uma Orientação Bio-Dinâmica e Evolucionista da Psicanálise' ". *Brasil Médico*, Rio de Janeiro, n.º 17, 24/04/31. Idem. *Estudos de Psychanalyse*. Bahia: Casa Editora — Livraria Científica Argeu Costa e Cia., 1931. Idem, "A Psicanálise Ativa de Stekel". *Bahia Médica*, Salvador, dezembro, 1932, pp. 314-316. Idem, *Educação e Psychanalyse*. São Paulo: Cia. Edit. Nacional, 1934. Idem, "O Método Comparativo em Psicopatologia". *Arquivos de Medicina Legal e Identificação*, 4(8). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1934. Idem, *Introdução à Psicologia Social*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Edit., 1936. Idem, *Loucura e Crime*. Rio de Janeiro: Ed. da Livraria Globo, 1937. Idem, *Saúde do Espírito*. Coleção SPES, n.º 7. Rio de Janeiro, 1939. Idem, *A Criança Problema*. Rio de Janeiro: Livraria Ed. Casa do Estudante do Brasil, 3.ª ed., 1947. Idem, 'A Técnica da Psicanálise Infantil', *Arquivos Bras. de Hig. Mental*, 1(2):195-205, Rio de Janeiro, abril/junho, 1938. Idem, Freud, Adler, Jung (Ensaio de psychanalyse orthodoxa e herética). Rio de Janeiro: Ed. Guanabara (s/d). Idem, *Introdução à Psicologia Social*. Rio de Janeiro: Livr. da Casa do Estudante do Brasil, 3.ª ed. (s/d).
3. Nas considerações sobre *Primitivo e Loucura*, o autor afirma que procurou aproximar os vários conceitos da "alma ancestral" propostos em escolas diversas e por especialistas em diferentes domínios. Baseando-se em folcloristas e etnólogos, convenceu-se de que "além da alma individual, há um espírito étnico (Volksgeist) surgido da massa coletiva (Lazarus — Stheinthal, Bastian); todo o material do folclore não é mais do que uma sobrevivência das imagens arcaicas que sobreviveram ao indivíduo, tornando-se patrimônio comum da humanidade, em todos os tempos, em todas as raças. As representações coletivas de Levy Bruhl não são outra coisa". Fundamentou-se também na escola italiana (Lombroso, Tito Vignoli, Sergi, Nicolo Pensero, Tanzi e Riva). Idéias sobre "interpsicologia" vinculada ao

ça". Insurgindo-se contra a rigidez de formação da escola tradicional, o autor brasileiro documentou-se em diferentes fontes para associar a psicanálise à educação.

No que diz respeito à psicologia, manifestou seu inconformismo em face da discriminação desse campo de estudos em relação à infância, já que todas as leis eram formuladas para o "branco, adulto e civilizado". Ressaltou a presença do selvagem e da criança, cuja lógica se apresentava de forma diferente da do adulto. Invocou para isso as pesquisas de Lévy-Bruhl sobre a mentalidade do primitivo, caracterizado pelo antropólogo como pré-lógica. A esse fato, Arthur Ramos aduziu as observações de Jean Piaget sobre o pensamento pré-lógico da criança, vislumbrando na "lei da participação" segundo a qual "o selvagem julga-se capaz de influenciar o universo, todas as coisas móveis e imóveis que o rodeiam", idêntica manifestação na criança e que seria a expressão do seu autismo.⁶ Além das particularidades do pensamento da criança, Arthur Ramos mencionou aquilo que considerou "a grande questão da psicologia contemporânea nas suas várias correntes dinâmicas": os limites da individualidade psicológica como resultado dos estudos da tipologia e da caracterologia.

Essas contribuições, em conjunto, o levariam a perceber a individualização da obra educativa, em que o destaque maior passou a ser conferido à criança. Essa nova ótica da pedagogia foi confirmada por Arthur Ramos após

estudo das multidões foram-lhe sugeridas por autores como Tarde, Durkheim, Dumas, Vigouroux, Juquelier, A. Marie, etc. Daí inferiu que o 'inconsciente interspíquico se reduziria ao inconsciente coletivo, concluindo que "um conceito único de inconsciente folclórico poderia englobar as duas noções". Apud RAMOS; Arthur, ob. cit., p. 105.

4. A tese de livre-docência foi publicada com algumas alterações que, segundo o autor, "não afetam sua essência", em RAMOS, Arthur, *Estudos de Psicanálise*, Bahia: Argeu Costa & Cia., 1931, pp. 154-175. Os outros capítulos dessa obra apresentam a síntese referente ao pensamento de Freud, Gênese e Postulados do Freudismo: Adler, A Psicologia Individual; Jung, A Psicossíntese e Smith Ely Jelliffe, Uma Orientação bio-dinâmica e evolucionista da psicanálise. Esse último texto foi publicado também em *Brasil Médico*, n.º 17, de 24/04/31. Das sínteses publicadas em *Estudos de Psicanálise*, a que maior ressonância teve no seu pensamento foi a de Jung, cujas idéias convergiram para os interesses de Arthur Ramos nos estudos etnológicos e folclóricos que realizou sobre o negro no Brasil.
5. RAMOS, Arthur. *Educação e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional, 1934. Essa obra é apresentada em nove capítulos: I: A Escola Nova e a Psicanálise; II: As Noções Fundamentais da Psicanálise; III: A Psicologia Individual e a Pedagogia; IV: O Ponto de Vista Analítico-Causal; V: A Sexualidade Infantil; VI: A Contra Sexualidade de Culpa; VII: Reações do Recalcado; VIII: A Prática da Pedanálise; IX: Psicanálise do Educador.
6. Textos de Jean Piaget consultados por Arthur Ramos: PIAGET, J. La Pensée Symbolique et la Pensée de l'enfant. *Archives de Psychologie*, XVIII, 1923. *Études sur la Logique de l'enfant*, vol. I: Le jugement et le raisonnement chez l'enfant. Paris, Neuchâtel, 1923 e 1924. *La Représentation du Monde chez l'Enfant*, Paris: Alcan, 1926, apud RAMOS, Arthur, ob. cit., p. 11.

a leitura de uma obra de Anísio Teixeira,⁷ que sintetiza os itens principais da Escola Nova no que diz respeito à criança, programa escolar, interesses e atividades, etc.

Informado sobre as balizas da Escola Nova, Arthur Ramos admite, segundo Dewey, que a "reorganização da experiência" que sintetiza todo o processo educativo deve ser alvo da educação, cujo papel é orientar as tendências individuais, aproveitando "a experiência adquirida da humanidade". Nesse ponto, o psiquiatra brasileiro justifica a presença da psicanálise na pedagogia: "A sua intromissão na pedagogia é perfeitamente válida tanto nos fins como nos meios da educação. Se esta visa uma ordenação das relações humanas, a psicanálise contribui a desvendar as imperfeições originárias destacando e mostrando, de outro lado, as tendências à ordenação que existem em estado inconsciente no homem. Fornece, ainda, um método de estudo que favorece a resolução de certas situações pedagógicas "difíceis" e insolúveis sem o seu auxílio".

Afora as informações da psicologia sobre a conduta da criança e os princípios da Escola Nova, Arthur Ramos evidenciou ter conhecimento dos principais textos psicanalíticos sobre educação. Além de Freud e Adler, teve considerações sobre referências de Oscar Pfister, Hanz Zulliger, Ernest Schneider, August Aichhorn, Anna Freud e outros.

Antes de iniciar a exposição sobre a teoria psicanalítica, Arthur Ramos dirige-se aos eventuais opositores à aplicação da psicanálise na escola e refuta-lhes as possíveis objeções que, conforme Pfister, classifica em quatro grupos: a) o valor científico do método; b) a teoria sexual de Freud; c) o perigo de revelar o material recalçado; d) a destruição da espontaneidade natural dos analisados. Apresentando os conceitos fundamentais da psicanálise, afirma, segundo Freud, que a teoria do recalçamento é a "pedra angular" da psicanálise. Sugere o tratamento analítico como chave decisiva para vencer a resistência e pôr fim ao recalçamento.⁸ Teceu rápidas considerações sobre a teoria da sexualidade, libido, Complexo de Édipo, princípio do prazer, princípio da realidade, teoria dos sonhos, Id, ego e superego.

Após essa introdução, ressalta que "a psicanálise, toda ela, é assim uma interpretação causal dos fenômenos psíquicos; ela postula que detrás de cada fenômeno aparente há outro oculto que é o atuante". Esse aspecto causal, a seu ver, é completado nas manifestações neuróticas pela categoria de finalidade, implicitamente reconhecida por Freud quando este se referiu à "fuga na doença e vantagem da doença". Reconhece porém que a sistematização desse "conceito de finalidade no determinismo dos distúrbios neu-

7. TEIXEIRA Anísio. *Educação Progressiva*, Biblioteca Pedagógica Brasileira, São Paulo, 1933. Apud RAMOS, A. ob. cit. p. 13.

8. Idem, *Ibidem*, p. 32. Faz referências à obra de P. Sellier, *La Repression Mental*, Paris, 1929. Segundo Ramos, para Sellier, a repressão é um fenômeno mais vasto que a concepção psicanalítica do recalçamento, constituindo-se num processo físico-fisiológico que se encontra em todas as esferas da atividade humana — individuais, coletivas e sociais, produzindo-se em diversos domínios: orgânico, motor, intelectual, afetivo, coletivo e social.

róticos" deve-se a Alfred Adler para quem "toda conduta humana é uma ação que tende a um fim". Explica Arthur Ramos que a "modificação metodológica de Adler na teoria freudiana consiste em que, ao invés da causa, surge o motivo. Nada se poderá compreender se não estiver projetado numa linha diretora teleológica".

Assim, o neurótico corresponde ao indivíduo que traçou um "plano de vida" como ideal de denominação e fracassou nas tentativas para realizá-lo. A compensação psíquica tem como significado finalista o triunfo sobre o sentimento de inferioridade. Situa nessa dimensão compensatória o "instinto de agressão" e o "instinto sexual que, no homem normal, se manifestam pelo "protesto viril" para sobrepujar a fraqueza pelo poder e no neurótico se manifesta pela afirmação exagerada da virilidade.

Nesse cotejo entre Freud e Adler, Ramos sugere o método de Adler como uma "técnica de compreensão" num sentido *finalista* e não, puramente, *analítico-causal*, como na psicanálise freudiana". Sua aplicação na pedagogia ocorreria no processo de interpretação da ação infantil no que diz respeito à sua "tendência" a adquirir supremacia e de seu sentimento de comunidade". O papel da psicologia individual seria o de "corrigir os erros da educação familiar e social, estudando a criança difícil e portadora de inferioridades orgânicas, sugerindo-lhes, assim, um "plano normal de vida, inoculando-lhes o verdadeiro sentido das relações com a comunidade". Essas funções da psicologia adleriana coincidem com as da escola: "corrigir os excessos da vontade de poder e desenvolvimento do sentimento de comunidade".

Os alunos mais suscetíveis de serem destinados à terapia adleriana encontram-se entre os classificados como "difíceis" escolares: "crianças com inferioridade de órgãos; crianças mimadas, que somente recebem e nunca dão; e crianças odiadas, que ignoram existir o interesse para os demais; nessa última classe incluem-se os órfãos, os ilegítimos, os enteados, as crianças feias".

A atuação do professor, no âmbito da psicologia individual de Adler, é a de "investigar o sentimento de inferioridade reforçado nos cinco primeiros anos da vida, o defeituoso sentimento de comunidade, a falta de valor, a busca de provas mais fortes da superioridade, o espanto diante de novos problemas, a tendência ao alheamento, a busca de facilidades aparentes na parte útil da vida com fito de conseguir a criança, assim, uma aparência de superioridade e não um domínio de dificuldades".⁹ Para o desempenho dessa tarefa, o professor deverá recorrer ao questionário proposto por Adler¹⁰ que inclui questões genéricas a serem feitas para os alunos. Os desajustamentos que "forem detectados deverão ser compreendidos convenientemente e esclarecidos com paciência sem ameaças, sem excesso de autoridade".

9. Idem, *ibidem*, p. 60.

10. Segundo Ramos, o questionário, concebido e explicado pela "Sociedade Internacional de Psicologia Individual.", encontra-se no livro de Adler: *A Psicologia Individual e a Escola*, s. ed. s. data.

Acompanhando o raciocínio fragmentário de Arthur Ramos, encontramos-lo no cap. IV, retomando o "ponto de vista analítico-causal de Freud. Refere-se, especialmente, à "Psicopatologia da Vida Cotidiana" de Freud e menciona vários exemplos de situações pedagógicas que ilustram esse determinismo causal.¹¹ Admite que "nos distúrbios mais graves entre os escolares, notadamente nas falhas de caráter, apenas a psicanálise poderá atuar detectando os acontecimentos da vida infantil, principalmente no domínio da sexualidade".

Na exposição conceitual de Arthur Ramos, a "sexualidade infantil" foi objeto de um capítulo na obra em estudo. Ciente das reservas que o tema da sexualidade infantil evoca nos estudiosos da psicanálise, o autor baiano não poupou referência a autores independentes da escola psicanalítica, para demonstrar que há vida sexual na criança. Descreveu as fases do desenvolvimento psico-sexual de Freud, acrescentando a classificação de Hesnard sobre as "fases da sucessão da sexualidade infantil do nascimento até os 14 anos.¹² Sobre as observações do autor francês, Arthur Ramos sugeriu que os dados obtidos fossem cotejados com pesquisas das crianças dos trópicos.

Preocupado com as forças da contra-sexualidade presentes nas interdições que a criança recebe do adulto, o autor brasileiro teceu algumas considerações no sentido de atenuar as conseqüências pedagógicas da ação repressora. Reconhece que essa ação é exercida desde o controle dos esfínteres e se torna mais acentuada quando se trata do onanismo infantil. Para amenizar a angústia decorrente da repressão exagerada, Arthur Ramos sugere, escudado em Mme. Bonaparte, uma suave ameaça de retirada do amor dos pais, o que, a seu ver, é suficiente para a intuição da criança.¹³ Detém-se, especialmente, na "barreira do incesto" na fase do Complexo de Édipo, que considera como o "recalcamento mais importante da vida humana" devido às conseqüências na formação do superego.

Como resultado de um superego muito severo, analisa as variantes da auto punição, mencionando a doença orgânica e o suicídio em criança.¹⁴ Nesse último caso, explica que só a psicanálise, com a teoria da auto punição, poderia lançar uma luz sobre o problema: "num pequeno ser já sensibilizado pela fatalidade do seu remorso inconsciente, a menor reprimen-

11. Os exemplos são de Schneider (gagueira, mau aproveitamento dos estudos, erro de geometria), Krock (gagueira), Pfister (lapsus linguae), Aichhorn (erros de aritmética), Alfhild Tamm (furtos na escola e em casa), R. de Saussure (negativismo escolar), Zulliger (falhas de leitura e falhas de caráter). Idem, ibidem, pp. 73-83.

12. HESNARD, A. *Traité de Sexologie Normale et Pathologique*. Paris: Payot, 1933.

13. A esse respeito, Mme. Bonaparte evoca a sutil percepção da criança para o significado das estórias infantis como O Pequeno Polegar ou o conto de Hansel e Gretel. Apud RAMOS, A. ob. cit., p. 109.

14. Sobre esse assunto Arthur Ramos observou na Bahia, entre 1912 e 1928, que num total de 534 suicídios 61 eram de menores de 21 anos e 44 menores de 16 anos. RAMOS, A. Os Suicídios de Crianças. *Rev. de Cultura Jurídico*. ano 1, n.º 1, Bahia, 1929.

menda exterior reforça o Superego agressivo, precipitando a necessidade latente de auto punição e conduzindo ao suicídio”.

Arthur Ramos considera, a seguir, as conseqüências do recalçamento para a futura personalidade, já que as tendências recalçadas continuam a agir no inconsciente. Nesse sentido, “para a psicanálise, o que modela o caráter são as reações do recalçamento sobre a consciência”. Arthur Ramos apresentou um esquema de Hesnard, em que aponta as faces caracterológicas da criança e do adulto, transformação das tendências nutritivas primárias conforme sejam essas mesmas tendências adotadas, sublimadas e reprimidas: tendências possessivas; captativas; tendências possessivas conservadoras; tendências possessivas produtivas.

Convicto do valor da psicanálise na situação pedagógica, o autor brasileiro sugere alguns métodos especiais de análise infantil à qual Pfister denominou “pedanálise”. Admite que “os conflitos de pouca importância (não os define) podem ser rehavidos pelos próprios mestres de formação psicanalítica. Os mais graves serão destinados ao médico”. Nesse caso, após o diagnóstico, a psicanálise profunda somente será justificada quando houver ameaça ao desenvolvimento da criança. No caso da criança normal, Arthur Ramos considera duas possibilidades: segundo Pfister, não há indicação para a psicanálise; segundo Melanie Klein, “a psicanálise deve completar toda a educação, mesmo nos normais, a título de medida profilática”. Nesse caso, a vantagem reside na detecção de problemas mais profundos que a observação mais lenta será capaz de evidenciar. As técnicas da pedanálise profunda recorrem aos sonhos, fantasias diurnas e estudo de jogos e brinquedos.

A questão da transferência infantil é considerada em Arthur Ramos, de suma importância. A partir de Anna Freud, pondera que na análise infantil o terapeuta deve transformar em positivas as transferências negativas, para propiciar um laço positivo entre o analista e a criança. Isso se explica porque “a transferência da criança é uma inclinação direta e real e não uma substituição, uma reprodução de antigas situações”.

Arthur Ramos aventou também a possibilidade de uma educação de base psicanalítica no sentido de evitar omissões ou excessos de repressão, com a finalidade de concorrer para a “formação de um superego normal, eliminado o excesso de sado-masquismo introjetado”. Sugere um alerta para a repressão do onanismo infantil e muita atenção para a fase da investigação infantil sobre a sexualidade, já que as fantasias da criança nessa fase terão ressonâncias futuras.

O mesmo autor recorda na questão da sublimação um fator importante para as futuras identificações. Prevê, nesse processo, a possibilidade de se estudar um novo capítulo de orientação profissional. Considerando o brinquedo como a primeira forma da sublimação, cabe ao mestre uma observação atenta para a “avaliação da escolha da profissão futura”. Admitindo, ainda, que a sublimação deve ser socialmente aceitável, fica o educador incumbido de detectar as sutilezas da sublimação de cada criança para encaminhá-la ao tipo de trabalho social compatível com as tendências da sua personalidade.

Finalizando a obra *Educação e Psicanálise*, Arthur Ramos adverte o educador para a necessidade de uma autoanálise como condição de exercer melhor domínio sobre os fatores do seu próprio inconsciente e evitar atitudes que poderiam, por vezes, caracterizar a projeção sobre a criança dos próprios complexos da infância. Essa recomendação é extensiva aos pais, sempre que possível.

Na obra de Arthur Ramos, o tema da Educação mereceu, além do tratamento teórico, uma investigação em algumas escolas públicas do Distrito Federal. Sua atenção especial esteve voltada para a criança chamada "anormal", incluída no grupo de alunos que não apresentava um desempenho escolar satisfatório, se comparado com os alunos "normais". As observações de Arthur Ramos levaram-no a concluir que 90% das crianças vistas como anormais pertenciam ao rol das crianças "problemas", vítimas de desajustamento no ambiente social e familiar.

Assim, a criança desatenta, agitada, que mente ou furta, deverá ser analisada "dentro das suas constelações totais de vida e de experiência", descartando-se qualquer conotação de "constituição delinqüencial".

As observações empreendidas circunscreveram-se ao "Serviço de Higiene Mental" que Arthur Ramos fundou e dirigiu durante cinco anos. Reconhecendo a imprecisão dos termos "anormal" e "normal", cujos limites não são bem caracterizados, a "Higiene Mental" se propôs a observar a criança "normal" e a empreender esforços para ajustá-la especialmente ao currículo escolar. A expressão "criança problema" foi estabelecida pelo autor para caracterizar "mais especialmente os casos de desajustamentos psico-sociais que não cheguem aos casos-limites do distúrbio mental constitucional".

O trabalho da "Higiene Mental" deve atender à fase pré-escolar e a escolar, atribuindo-se a tarefa de prevenção e correção por meio de uma clínica em que atuem o professor, o médico clínico, o psico-pedagogo e o psiquiatra. Os métodos de investigação incluem a observação incidental, fragmentos biográficos, observação sistemática, questionários, história de casos, testes e medidas, experimentação, etc.

Do conjunto das investigações de Arthur Ramos na "seção de Ortofrenia e Higiene Mental"¹⁵ resultou o livro *A Criança Problema*. Nele, o mé-

15. A Seção de Ortofrenia e Higiene Mental do Instituto de Pesquisas Educacionais foi fundada como consequência da Reforma "Anísio Teixeira" do Ensino Municipal, de setembro de 1933, e instalada em janeiro de 1934. Tudo sugere que tenha sido a primeira experiência brasileira da instalação de clínicas de Higiene Mental nas escolas, diretamente vinculadas à tarefa pedagógica. Nessa época, já funcionavam a organização da Higiene Mental e a Liga Brasileira de Higiene Mental. Apud RAMOS, Arthur, ob. cit., pp. 27-29. O histórico e a caracterização da Higiene Mental constituem outra obra de Arthur Ramos, *Saúde do Espírito* (Higiene Mental), Coleção SPES-7. Rio de Janeiro, 1939. Nesse texto encontram-se difusas as idéias psicanalíticas expostas nas outras obras, principalmente nos temas pertinentes à criança no ambiente familiar e escolar.

dico baiano esclarece que se utilizou do método clínico, que denominou "método de observação poligonal", cuja ênfase maior esteve centrada nos princípios psicanalíticos.

No tocante à psicanálise, reiterou ter conhecimento das objeções feitas às aplicações pedagógicas psicanalíticas. Esclareceu, a esse respeito, que a psicanálise é um terreno neutro que admite a participação de pesquisadores de diferentes tendências filosóficas. Informa que, pessoalmente, procurou conciliar os "pontos de vista causal-analítico da escola de Freud, e o sintético teleológico de Adler e seus epígonos". De Jung, conclui que as categorias de causalidade e finalidade deveriam coexistir nas investigações sobre o comportamento humano.

Na exposição dos temas que arrolou para a "*Criança Problema*" observa-se o cuidado de Arthur Ramos em citar uma casuística bastante ampla para facilitar a compreensão dos fundamentos teóricos que sugere para a discussão de cada caso. No decorrer dos esclarecimentos sobre os problemas apresentados, predominam as concepções dos diferentes teóricos da psicanálise. Além das referências a Freud e especialmente a Adler, são frequentes as interpretações baseadas nos textos dos psicanalistas franceses: H. Codet, R. Laforgue e E. Pichon.¹⁶

A organização do livro compreende duas partes: uma, denominada "As Causas", inclui nove capítulos, cujos títulos são os seguintes: "Herança e Ambiente", "A Criança Mimada", "A Criança Escorraçada" (quatro capítulos), "As Constelações Familiares", "O Filho Único", "Avós e Outros Parentes". Nessa parte do livro, o autor estendeu-se em longas explicações teóricas sobre os itens mencionados, apresentando pontos de vista da medicina e de autores psicanalíticos. Os relatos de casos são, predominantemente, de autores estrangeiros. Na segunda parte, intitulada, "Os Problemas", Arthur Ramos trata dos seguintes tópicos: "A Criança Turbulenta" (dois capítulos), "Tiques e Ritmias", "As Fugas Escolares", "Os Problemas Sexuais" (três capítulos), "Medo e Angústia" (dois capítulos), "A Pré-Delinquência Infantil: a Mentira", "A Pré-Delinquência Infantil: Os Furtos". Nesses capítulos, a casuística é retirada do "Serviço de Higiene Mental" dirigido pelo autor. As explicações que se seguem à exposição de cada caso primam por uma atitude compreensiva em relação ao distúrbio apresentado e estão assentadas, especialmente, no esquema teórico psicanalítico, embora fique evidente a ampla documentação teórica do autor sobre os assuntos tratados mesmo nos domínios não psicanalíticos.

A importância de *A Criança Problema*, especialmente, considerando que foi escrito na década de trinta, reside no novo conceito de ajustamento da

16. Arthur Ramos consultou os textos desses autores em *L'Évolution Psychiatrique e Revue Française de Psychanalyse*. CODET, H. Les Arriérations affectives; La Schizonoia ob. cit., Paris, 1925. LAFORGUE E ALLENDY, *La Psychanalyse et Les Névroses*. Paris, 1924, CODET et LAFORGUE, *La Sexualité dans les Névroses*, *L'Ev. Psych.*, 1925. PICHON, E. *Le Psychisme Infantile et la Psychanalyse*, *Revue Française de Pédiatrie*, 1926, Idem, *Le Développement Psychique de l'Enfant et de l'Adolescent*, Paris, 1936.

criança que apresenta distúrbios de conduta na escola. Arthur Ramos contesta a rotulação discriminatória de "anormalidade" para certos distúrbios de conduta, bem como faz "reservas a essas tentativas simplistas de uma testologia primária que visa a homogeneização psicológica da criança, sem o exame de todos os fatores que influem nas suas fachadas de personalidade e comportamento".¹⁷ No diagnóstico e na terapêutica, o autor baiano não perde de vista a "constelação dos seus ambientes familiar e social", incluindo o tratamento médico-orgânico além da assistência alimentar e higiênica.

No plano terapêutico, Arthur Ramos incluiu as técnicas da sugestão e persuasão, as quais denomina de "meios terapêuticos clássicos", ao lado dos mais modernos como as "múltiplas atividades derivadas do movimento psicanalítico".

Conforme já havia exposto em *Educação e Psicanálise*, Arthur Ramos contesta "as análises diretas, ortodoxas, a molde de Anna Freud". Manifestou preferência pelo "método indireto de Mme. Hug-Hellmuth, que estuda a criança no seu próprio meio, e, especialmente, o método de Melanie Klein da análise dos jogos e brinquedos". Recomenda, ainda, o programa mínimo de Mme. Sokolnicka também mencionado por Pfister: "Nos casos simples, o educador é o próprio analista pela compreensão da situação e pela atitude a adotar em face do aluno". A criança é observada nos jogos e nos diferentes ambientes em que convive com adultos.

Arthur Ramos considera de suma importância os trabalhos que devem ser feitos junto à personalidade dos pais da "criança-problema". Entreviui, no ambiente da Escola Nova "a colaboração estreita entre a escola e o lar". Reitera sua posição frente à transferência na situação analítica, afirmando que "a transferência da criança é, pois, uma inclinação direta e real e não uma substituição, uma reprodução de antigas situações". É a idéia de "análise de orientação" de Pfister, em que o professor é um dos principais fatores na formação do Superego da criança. Essa conceituação de transferência faz recair sobre o professor a exigência de uma auto-análise cuidadosa que não chega, porém, à obrigatoriedade de uma terapia analítica.

Ao nível da organização escolar, Arthur Ramos reconhece nas diferentes técnicas do ensino individualizado (Decroly-Montessori, Desconedres, etc.) uma possibilidade de trabalhar com a criança difícil no sentido de "levantar-lhe os sentimentos de inferioridade". A correção dos menos capazes deve ser feita em meio ao convívio com os mais aptos e, apenas transitariamente, recomenda o recurso às classes especiais. Atribui papel especial aos jogos que têm expressão ativa como "válvula de escapamento dos impulsos da criança".

Esses são, de modo geral, os conceitos de Arthur Ramos referentes à prática da "Higiene Mental", que no seu entender constitui uma necessidade vital para uma "civilização em transição violenta, que ainda não encontrou o seu rumo".

17. Idem, *ibidem*, p. 441

A exposição da temática sobre Educação em Arthur Ramos, verificada em *Educação e Psicanálise* e a *Criança Problema*, foi inspirada no ideário da Escola Nova, porém, excetuando-se algumas técnicas individualizantes, não há outras evidências desse movimento nas obras mencionadas. O tratamento das questões educacionais, no autor alagoano, apresenta, num dos seus vértices, a fundamentação antropológica, já, presente nos trabalhos acadêmicos em 1926.

Trata-se, essencialmente, de valorizar o estudo da infância como uma etapa significativa em oposição às preferências dos estudos antropológicos da época, pelo "branco, adulto, e o civilizado".

A erudição de Arthur Ramos sobre o assunto firmou-se na leitura de diferentes áreas de estudo desses temas.

Considera que a psico-patologia, apoiada nos textos etnológicos, passou a refletir sobre a possível analogia "entre as funções mentais do primitivo e os quadros que ela registra diariamente dentro dos manicômios". Seguiram-se outras questões de analogias entre "sonho, arte e loucura de um lado e sonho, arte, neurose e atividade primitiva, de outro".

Na comparação dos processos simbólicos do sonho com a *loucura* remonta aos estudos de Bal Baillarger, de Sanctis, Maury, Mourly-Vold, Moreau (de Tours), etc. Em Alfred Storch, *Das Archaisch — primitive Erleben und Denken der Schizophrenen*, estudou sobre a analogia entre o *esquizofrênico e o primitivo*. Nas relações entre *arte e pensamento primitivo*, arte e alienação mental, cita: Lombroso (que teria inspirado Tanzi apontando analogias entre o delinqüente, o idiota, o epilético de um lado e o homem primitivo de outro), Simon, Morel, Antheaume e Dromard, Vinchon, etc. Em Freud, na obra *Interpretação dos Sonhos*, Arthur Ramos fez seus estudos sobre a relação entre a atividade onírica e o mecanismo mental do homem primitivo. Ele admite, também, a importância do ponto de vista de Jean Piaget ao caracterizar o animismo infantil do período "pré-operatório". Percebe que a psicanálise clarificou essa interpretação, ao conceber que "a magia infantil estaria ligada ao 'Allmacht der Gedanken', manifestação do narcisismo. A criança julga-se então o senhor, o dono do universo, cren-do poder influenciar todas as coisas. Na fase do animismo sobrevêm o fenômeno da projeção, tão conhecido. A criança, então, anima todas as coisas. 'Espíritos' são projeções do seu inconsciente".

Jung situou no fenômeno da "transferência", especialmente nas análises dos idosos, "as grandes imagens ancestrais". São os "estratos mais profundos do inconsciente, onde dormitam as imagens ancestrais da humanidade geral".

Isso implica em afirmar, segundo Arthur Ramos, que a mentalidade do homem "branco, adulto e civilizado" será sempre permeada de influências primitivas e elementos pré-lógicos que devem ser procurados nos estudos antropológicos e da infância.

Observa-se que, na multiplicidade dos seus temas, ressalta uma preocupação principal: a de sondar os motivos mais profundos da conduta humana.

Como médico psiquiatra, cedo reconheceu o valor do conceito de "totalidade" do organismo humano, incluindo o "eu corporal e anímico". Essa totalidade somente poderia ser apreendida pela psicologia e psicopatologia, as quais deveriam "e alicerçar no estado dos processos profundos, afetivos, inconscientes, que agitam o nosso ser".¹⁸

Inspirado em Jung e nas leituras dos textos de Freud, Arthur Ramos refletiu sobre a noção de "arcaico em patologia mental". Na interpretação do mundo pelo artista, pelo primitivo e pela criança nos brinquedos e nos jogos infantis, entreviu os traços do pensamento autista próprio do esquizofrênico. Essas idéias constituem o núcleo do pensamento do autor, pois como ele próprio afirma: "desde a minha vida acadêmica, venho procurando estabelecer o paralelo entre o conteúdo mental das psicoses e a mentalidade do homem primitivo, havendo construído a minha teoria do inconsciente folclórico, antes de conhecer os trabalhos de Schilder e Storch sobre assuntos correlatos".¹⁹ Segundo esse ponto de vista, "todo o material do folclore não é mais que uma sobrevivência das imagens arcaicas que sobreviveram ao indivíduo, tornando-se patrimônio comum da humanidade em todos o stempos, em todas as latitudes".

Na esteira desses conceitos, Ramos concluiu pela idéia determinista segundo a qual "a nossa liberdade de pensar, agir e querer é apenas aparente". Inclui, nesse raciocínio, a precariedade do homem às tentativas infrutíferas para desenvolver a sua individualidade. Admite que, parcialmente, o consegue pela cultura que é artificial e, portanto, instável. Mediante "condições diversas — sonho, distração, neurose, psicose, atividade artística, formações gregárias — todo o esforço individual cai por terra, ruc com fragor e todo aquele cortejo de símbolos arcaicos desperta do seu letargo, assomando nos degraus remotos do inconsciente ao dia claro das manifestações conscientes".

Diante dessa instabilidade, "o indivíduo solicitado pelo extraordinário dinamismo do "inconsciente folclórico", não mais se pertence, porque mergulha no amálgama da espécie; não pensa por si, porque se encaregam de pensar por ele; não age nem se agita deliberadamente, porque a "humanidade o conduz". Após essas palavras elucidativas, o autor ainda conclui que a psicologia individual apenas será compreendida com o auxílio da psicologia coletiva e étnica. Essas convicções de Arthur Ramos foram firmadas após extenso número de pesquisas e publicações sobre questões afro-brasileiras,²⁰ e o inscrevem com justeza como o pioneiro da etnopsiquiatria no Brasil.

19. RAMOS, Arthur. *Loucura e Crime*, Rio de Janeiro Ed. da Livraria Globo, 1937.

20. Idem, *ibidem*, p 19.

21. RAMOS, Arthur. *O Negro Brasileiro*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934. Idem, *Folclore Negro no Brasil*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935; Idem. *As Culturas Negras no Novo Mundo*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Assim, o hiato representado na obra de A. Ramos pelos temas pedagógicos constitui um momento nas suas reflexões, para destacar, especialmente, o papel da infância na organização da experiência do indivíduo, que não é tão peculiar e restrita ao período da sua vida, já que, a seu ver, está circunscrita pela história dos seus ancestrais. À psicanálise cabe o importante papel de apontar mecanismos e soluções para desvendar os des-caminhos da conduta que, em última análise remontam a tendências inconscientes.

Vale a pena ressaltar a lucidez de A. Ramos na elaboração dos temas psicanalíticos junto às questões educacionais. Se examinarmos as especulações de outros autores da época sobre psicanálise e educação, constataremos o domínio do aspecto classificatório dos distúrbios da conduta, fato típico da nomenclatura psiquiátrica.

Arthur Ramos manteve-se distanciado desse padrão, imprimindo, ao estudo da psicanálise, embora timidamente e com excesso de ecletismo, um caráter especial na medida em que deixa de rotular a conduta da criança para compreendê-la segundo o referencial dos diferentes mecanismos. Tangenciou questões complexas, porém, decisivas, como o papel da transferência (segundo Freud, Jung, Melanie e Klein) a importância e os cuidados da sublimação, os cuidados com a repressão e o significado do recalçamento etc.

Por outro lado, A. Ramos nem sempre se manteve atento aos significados mais amplos das questões educacionais, resvalando para um certo psicologismo, compreensível nos contornos da sua obra. A elaboração do seu pensamento, nos dois textos examinados, omite as questões teleológicas pertinentes à educação para dar ênfase às especulações sobre os aspectos "analítico-causal" e "finalista" implícitos nas idéias de Freud e Adler.

A contribuição de Arthur Ramos junto à educação reside no fato de ter tido a ousadia de sugerir um novo conceito de ajustamento do aluno que entreviu na reformulação da antiga concepção de "normalidade". Certos tipos de desempenho insatisfatório do aluno, tradicionalmente, remontavam a distúrbios mais profundos de conduta e eram usados como critério para atitudes discriminatórias na escola. A. Ramos, a partir de uma prática educativa em que fez estudos de casos, segundo amplo referencial psicanalítico, fundamentado no valor do conceito de "totalidade" do organismo humano, foi um dos pioneiros da literatura educacional brasileira na introdução da idéia de "compreensão" na análise da conduta.

Assim, se o autor de *A Criança Problema* não logrou obter maior expressão nas suas publicações sobre educação, coube-lhe o mérito de desbravar um atalho importante na prática pedagógica, junto aos temas da psicanálise que tanto o empolgaram.

(Recebido para publicação em abril de 1987).

SUMMARY: The topic of "psychoanalysis and education" has been studied by several Brazilian authors whose aim was to disseminate Freud's ideas. Among them, the name of Arthur Ramos merits attention due to the publication of *Educação e Psicanálise* and *A Criança Problema*. Based on Freud, Adler and Jung's ideas, the author within the pedagogical context of the "New School" delineated several ideas that contributed to the introduction of a new view for the "understanding" of the questions related to the maladjusted behavior of the child.

KEY-WORDS: Psychoanalysis. Education. Freud. Adler. Jung. Anthropology. Childhood. Normality Understanding. Adjustment.

DADOS BIOGRÁFICOS DE ARTUR RAMOS *

RAMOS (ARTUR... de Araújo Pereira) — Nascido em Pilar, hoje, Manguaba (AL), a 7 de julho de 1903, filho do Dr. Manuel Ramos de Araújo Pereira. Doutou-se, em 1926, pela Faculdade de Medicina da Bahia. Em 1927, médico alienista do Hospital São João de Deus, na capital do Estado; em 1928 médico legista do Instituto Nina Rodrigues, da mesma cidade. No Rio de Janeiro (GB), exerceu o cargo de chefe do Serviço de Orifrenia e Higiene Mental, do Departamento de Educação do então Distrito Federal, em 1934. Livre-docente de clínica psiquiátrica da Faculdade de Medicina da Bahia; professor de psicologia social da Universidade do Brasil; catedrático de Antropologia e Etnografia da Faculdade Nacional de Filosofia. Dedicou-se aos estudos de psicanálise e higiene mental. Pesquisou religiões e o folclore negro, ampliando conclusões de Nina Rodrigues. Fundou a Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia, em 1941. Colaborou em revistas especializadas do Brasil, América e da Europa. Muitas das suas obras, traduzidas e reimpressas, fizeram-no conhecido como uma das mais altas autoridades em africanologia. Chefe do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO, quando, aos 46 anos, vitimado por síncope cardíaca, faleceu no Hotel Pierre, em Paris (França), a 31 de outubro de 1949.

* MENEZES, Raimundo. *Dicionário literário brasileiro*, Rio de Janeiro, LTC, 1978.